

Rastros e restos da paixão e da loucura na clínica psicanalítica

Leda Maria Codeco Barone

Resenha de Berta Hoffmann Azevedo,
Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica. São Paulo, Blucher, 2025, 232 p.

Com *Prefácio* de Daniel Delouya, *Apresentação* de Juliana Lang Lima e *Orelha* de Renato Mezan, o livro de Berta reúne doze artigos nos quais nos apresenta o percurso desenvolvido pela autora ao longo de quinze anos de clínica e pesquisa teórica.

Segundo a própria autora, os textos pretendem dar conta de situações da *clínica-limite*, lugar em que modelos tradicionais no modo de lidar com a neurose e a psicose se mostram inoperantes. E por meio de vinhetas clínicas informa o objetivo buscado,

o livro se dedica a explorar os desafios da Psicanálise diante do sofrimento psíquico-limite. Trilha um percurso que alinhava perguntas clínicas com esboços de contribuições teóricas encontradas em Freud, em autores pós-freudianos e, também, nos teóricos da Psicanálise contemporânea (p. 25).

Objetivo este que a autora cumpre com maestria.

A escrita é clara e elegante nos diferentes trabalhos que, unificados, mostram coerência teórica e delicada perspicácia no tratamento da clínica. O fio que os une, num todo organizado, é a mescla que a autora urde entre paixão e loucura

revelando a diferença entre estas e as psicoses; suas origens, e o modo de escuta transferencial. A costura, nos diferentes capítulos, entre clínica e teoria imprime consistência às interpretações da autora, de modo a embasar as vinhetas clínicas que apresenta.

A importante diferenciação entre loucura/paixão e psicose é um ponto alto do livro porque leva o analista a modos diferentes de escuta. Desde lidar com a transferência enlouquecida, passional que exige do analista tanto criar mudanças na técnica que permitam acompanhar o sofrimento do paciente quanto a levar em conta possibilidades de sustentar destinos diferentes para ele. E nas palavras da autora: “conservar a diferenciação entre loucura, loucura privada e psicose é essencial para uma escuta mais ampla e complementar, capaz de captar tanto o erótico como a destrutividade radical, desobjetalizante” (p. 64).

São muitos os momentos, no livro, em que a autora se apoia na literatura para tecer suas reflexões a respeito da clínica de casos-limite. Num momento ela se serve do que faz a protagonista clariceana de *A paixão segundo GH*: ela se deixa tocar pela loucura e a atravessa. É desse modo que Berta considera ser o trabalho do analista em face à lógica do pensamento louco. Diz ela que o analista deve “caminhar ao seu lado, recebê-la com hospitalidade clínica e disposição imaginativa” (p. 24).

E são muitos esses momentos em que ela se serve da literatura. Mas é precioso para o leitor considerar a forma como o faz: a inclusão da literatura não é feita para enfeitar seu texto, mas como metáfora das paixões e loucuras do humano. E faz com leveza ao articular teoria, clínica e literatura com suas reflexões ou interpretações clínicas.

Sabemos que literatura e psicanálise operam no campo da linguagem, e ambas apostam na equivocidade e polissemia da palavra. Embora habitem espaços próprios, são dois saberes que se fertilizam mutuamente. No texto “O delírio e o sonho na *Gradiva*”¹, Freud afirma que os poetas e escritores criativos sabem mais da alma humana e que podemos muito aprender com eles. Ele nos diz no texto:

Leda Maria Codeco Barone é psicanalista, membro associado da SBPSP, doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP.

Mas os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.

A apropriação que Berta faz da literatura em seu texto revela a ideia freudiana citada acima. Os escritores criativos são nossos aliados na ampliação do conhecimento das paixões e loucuras humanas, como também servem de interpretantes no nosso ofício cotidiano. Um bom exemplo encontramos no terceiro capítulo do livro, “Paixão e sofrimento: quando o objeto de desejo se transforma em objeto de necessidade”, no qual a autora aborda o apaixonamento em casos nos quais os contornos do Eu encontram-se fragilmente delimitados. Servindo-se de autores diversos, Berta nos traz relatos da clínica em que a literatura e a psicanálise se fertilizam. Assim começa o capítulo:

“Por que é que aquilo que faz a felicidade do homem acaba sendo, igualmente a fonte de suas desgraças?” (p. 40), pergunta-se o jovem Werther, na obra de Goethe. Annie Ernoux diz que a oportunidade de viver uma paixão é um verdadeiro luxo, mas quem lê seu livro, *Paixão simples*, percebe que é também *pathos*, sofrimento (p. 69).

Dois exemplos da clínica da autora, *Juan e Romeu*, um evitando e o outro se entregando de corpo e alma mostram destinos diferentes diante do apaixonamento. Juan procurando respostas para suas questões amorosas: “não se apaixonava, só elas, e isso era frustrante. Será que alguma vez nos seus cinquenta anos viveu uma paixão amorosa? ele se perguntava” (p. 70).

Já Romeu vai ao primeiro encontro com a analista levando a companheira “e comenta que

ficou imaginando o que a analista pensaria disso. O que supôs que a analista poderia pensar? (pergunta a analista). Que somos simbióticos, responde.”

Os dois exemplos acima aludem a caminhos diversos seguidos nos apaixonamentos, experiências, no dizer da autora, “de entrega que vulnerabilizam e podem ser intensamente ameaçadoras quando as bases da sustentação narcísica primária se mostram fragilizadas” (p. 69). Uns se esquivam do se entregar, e outros se aprisionam de modo a transformar o objeto de desejo em objeto de necessidade.

Também Fabio Herrmann² reconhece as trocas profícuas entre os dois campos: literatura e psicanálise. A importância que o autor atribui à potência *heurística* da ficção o leva a reconhecer a literatura como aliado útil ao trabalho do analista, seja na escuta clínica, seja na sua escrita. A escrita de Berta reconhece essa potência e a utiliza de modo exemplar em sua escrita.

Em outro campo, o da crítica literária, Wolfgang Iser³, se interroga sobre a potência da literatura para a compreensão do humano. Para investigar o que a literatura pode dizer acerca de nós mesmos, para compreender a autointerpretação humana que se faz por meio dela, o autor reconhece como necessário esboçar uma nova *heurística* que pudesse ser sustentada por disposições humanas e que, ao mesmo tempo, fossem constitutivas da literatura. Reconhece tanto na ficção quanto no imaginário esse fundamento, uma vez que os dois fenômenos existem como experiência humana – seja porque superamos o que somos por meio de mentiras e dissimulações, seja porque vivemos nossas fantasias durante os sonhos diurnos, nos sonhos e nas alucinações –, e são constitutivos da literatura. Creio que tais observações de Iser representam ótimo argumento para a aproximação destes dois campos: literatura e psicanálise, como bem faz Berta em seu livro.

Chama a atenção no livro a forma como a autora transita livremente, e com pertinência, por teorias provenientes de diferentes escolas

1 S. Freud. O delírio e os sonhos na *Gradiva*, in *Obras completas v. 8*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 16.

2 F. Herrmann, “A ficção freudiana”, in *A Infância de Adão e outras ficções freudianas*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, p. 9-20.

3 W. Iser, “Teoria da Interpretação: reação a uma circunstância histórica”, in J.C.C. Rocha (org.), *Teoria da Ficção. Indagações à obra de Wolfgang Iser*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999, p. 19-33.

psicanalíticas. Isso confirma a proposta de Herrmann⁴ quando nos adverte que a segurança do método psicanalítico descoberto por Freud, a *escuta descentrada*, permite ao analista romper os limites estéreis entre as escolas e transitar por diferentes propostas teóricas. Permite também criar prototeorias provenientes da escuta clínica, que poderão, ou não, ser conservadas e se encaixar em direção a outras já consolidadas. Um exemplo disso é o que a autora chama de *captura no circuito da dor* (p. 83), ou outro mais adiante quando fala de *autocancelamento* (p. 178). Berta, no seu texto, cria interpretantes potentes para a compreensão dos casos analisados.

Além de trabalhar com autores contemporâneos, Green, Laplanche, Winnicott, McDougall, Aulagnier, entre outros, que tratam da problemática de interesse da autora para fundamentar a clínica nos casos-limite, chama a atenção do leitor o cuidado e a seriedade com que ela esmiúça a obra de Freud a fim de desvendar origens ou sementes de questões atuais. A relação ou articulações que a autora faz das propostas de Green e Freud ao redor do Narcisismo é preciosa e revela uma pesquisadora experiente da obra de ambos.

No capítulo dez, “Do silêncio ao testemunho: a recuperação do traumático em Édipo Rei como modelo clínico em Psicanálise”, Berta mais uma vez nos surpreende com sua perspicácia de investigadora, bem como nas articulações que faz de diferentes autores ao comentar o trabalho de um colega. No texto ela cita Hanna Arendt quando diz: “toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história” (p. 189). E em seguida propõe: “E não qualquer história, mas uma com a qual se possa viver” (p. 189).

Essas ideias colocam o analista num lugar preciso: o de testemunha. Sobre o analista como testemunha lembro J.M. Gagnebin⁵ quando propõe:

Nesse sentido, uma ampliação do conceito de testemunha se torna necessária; testemunha não seria somente aquele viu com os próprios olhos, o *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração

insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não o repetir infinitamente, mas a ousar esboçar uma história, a inventar o presente.

Creio ser semelhante o papel do analista na clínica dos sofrimentos-limite quando parteja junto ao paciente os rastros e restos do indizível traumático, possibilitando a construção de uma história, uma narrativa, e que na escrita de Berta fica bastante evidente.

O texto de Berta nos coloca a questão: Por que o analista escreve? Claro que por diversas razões, mas quero ressaltar um que me parece precioso no texto da autora. O analista, sendo tantos em uma análise, por imposição da transferência, escreve para recuperar o nome próprio como nos ensina Pontalis⁶ numa entrevista dada ao *Jornal de Psicanálise*. Sendo tantos no calor da transferência, a escrita permite ao analista afastamento do *incêndio no teatro* e pensar no vivido, recuperando o nome próprio. E ao pensar por escrito, o analista se torna autor.

O livro de Berta afirma seu lugar autoral. O percurso de quinze anos de clínica e estudo teórico fazem da jovem analista uma autora de verdade.

Que seus leitores possam encontrar prazer e aprendizagem na leitura, da mesma forma que eu encontrei.

4 F. Herrmann. *Introdução à Teoria dos Campos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001.

5 J.M. Gagnebin, “Memória, história e testemunho”, in *Lembrar, escrever e esquecer*, São Paulo, Editora 34, p. 49-57.

6 J.-B. Pontalis, “Entrevista com J-B Pontalis”, *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 35, n. 64-65, p. 29-47, 2002.